COMUNIDADE QUILOMBOLA

BAIXA DE QUELÉ

JEREMOABO/BA

2

NOVA CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS

COMUNIDADES TRADICIONAIS QUILOMBOLAS

NOVA CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS

Fascículo N 2 | Ano 2020

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL - PROJETO QUILOMBOS

Coordenação do PNCSA - Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Alfredo Wagner Berno de Almeida (PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Coordenação Geral do Projeto Quilombos
Franklin Plassmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho

COMUNIDADE QUILOMBOLA BAIXA DE QUELÉ, JEREMOABO/BA
Série: **Comunidades Quilombolas**

Coordenação da Pesquisa
Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques

Equipe de Pesquisa
Alzení de Freitas Tomáz, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Arthur Lima da Silva, Daniela Santos Silva, Danilo Borges e Silva de Araújo, Danilo Cardoso, Gisele da Silva Conceição, Jakeline Alves Silva Muricy, Joaquim Alves Novaes, Juracy Marques, Lilian Pinto da Silva Santos, Maria de Fátima Santos de Lima, Maria do Socorro Silva, Maria Rosa Almeida Alves, Nacho Vega Férnandez, Nilma Carvalho Pereira, Pâmela Peregrino da Cruz, Paola Odonilé, Paulo Wataru Morimitsu, Robson Marques dos Santos, Silvia Janayna de Oliveira Veriato, Suana Silva.

Participantes da Oficina
Abílio Pedro dos Santos, Augustinha de Jesus Santos, Dona Augusta, Dona Raimunda, José Romildo de Jesus Santos, Manoel Cardoso dos Passos, Maria Cardoso dos Santos, Maria da Conceição, Maria de Fátima dos Santos, Raimundo, Renato Franco dos Passos, Seu Abelardo Fontes, Seu André, Seu Emídio, Seu Eugênio, Seu Fiel.

Fotos
Jinorman Pereira
Arquivo da Nova Cartografia Social do Brasil – Núcleo São Francisco

Mapa
Álvaro Eduardo Mascarenhas Ribas, Alzení de Freitas Tomáz, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Eder Marinho, Juracy Marques, Lucas Martins.

Digramação e Projeto Gráfico
Ana Paula Silva de Arruda

ISBN Impresso: 978-65-5732-011-2
ISBN Ebook: 978-65-5732-010-5

Ficha catalográfica elaborada por Maria de Fatima Santos de Lima | Bibliotecária-Documentarista CRB - 5ª / 1801

C741 Comunidade Quilombola de Baixa de Quelé: Jeremoabo – Bahia. [recurso eletrônico]. / Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques (coord.). Paulo Afonso, BA: SABEH, 2020. (Série Comunidades Quilombolas, 2)

n. 2; (18 p): il. color.

1 folheto.
Coordenação do Projeto Quilombos: Franklin Plassmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho.
Disponível em: http://sabeh.org.br/?page_id=22
ISBN: 978-65-5732-010-5

1. Identidade. 2. Território. 3. Tradição. 4. Comunidade Quilombola. I. Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais d Bacia do São Francisco. II. Título. III. Série.

CDU: 39
CDD: 306

AS TERRAS DO ARIÁ, HOJE QUELÉ

Figura 1: Grupo da Oficina de Cartografia na Comunidade da Baixa de Quelé, Jeremoabo. (PEREIRA)

Para mim é um lugar de muita felicidade porque quando a gente morava lá a seca era grande e o meu pai não tinha as condições, ele criou a gente com uma foice nas costas, tinha dias dele chegar deitar e nós tirar as capelinhas das costas porque pelava feito um teiú. As costas pelavam do sol. E aqui trabalhava, mas não era o tanto que ele trabalhava porque era na roça dele. E lá ela saia pra trabalhar e uns 15 dias, 3 semanas e tinha vez que quando chegava com os braços cruzados dizendo que o que ganhava só dava pra comer lá. E aqui não foi diferente, quando chegamos aqui embora tivesse seca, mas, nunca faltou o que botar no fogo não. **(Dona Maria da Conceição)**

Esse nome Quelé surgiu porque o dono daqui que era o avô do meu marido chamava-se Quelé, aí já que ele morreu deixaram aqui por nome de Quelé. É que o dono é o pai desses todos aqui. O nome dele de nascimento era Clemente Barbosa mas o povo todo chama ele de Quelé. Aí chegou o povo e acharam bonito e deixaram com o nome de Quelé. **(Maria da Conceição)**

Figuras 2 e 3: Vale do Povoado Baixa de Quelé. (PEREIRA)

Eu fui criado com meu pai sofrendo todas as dificuldades de menino, perdi minha mãe quando tinha 7 anos. A situação da época não era fácil mas nós lutamos pra sobreviver, porque logo sedo eu comecei trabalhando. O mais novo era eu a minha irmã trabalhava muito e eu chorava pela minha mãe. Até hoje tenho lembranças dela. E eu trabalhando de roça e adquirindo o pãozinho de cada dia puxando roda com 8 anos, trabalhei muito e eu crescendo, quando fiquei maior um pouco adquiri minha família e ainda hoje estou aqui sobrevivendo. Sofri muito, agora não tô sofrendo igual sofria, mas graças a Deus tirei essa temporada. E esse lugar representa a tranquilidade, de vez em quando tem umas confusãozinhas, mas ali mesmo fica, não vamos pra justiça. **(Seu Abelardo)**

OS DESERTADOS DE CANUDOS

Muitos que chegaram aqui, vieram do grande grupo de Canudos. Eles faziam parte dos jagunços de Conselheiro, mais, num era bandido não, era homem que protegia o povo de lá. Com a guerra tiveram que fugir e uns bocado vieram para cá se esconder nesse vale. Aqui somos herdeiros das terras de Canudos. Meus irmãos moravam tudo fora, aí fui procurando pra repartir esse terreno aqui e foi repartido pra dois irmãos, meu pai, Jacinta e o irmão dele. Aqui se chamava terrenos do Ária. Tinha um senhor aqui que se chamava Quelé, por isso hoje aqui se chama Quelé, porque esse lugar começou com ele. **(Seu Fiel)**

Com 4 anos de guerra em Canudos, isso foi em 1896 terminou a guerra parece que meu avô morreu na guerra de Canudos e meu pai ficou viúvo lá, ele era vaqueiro em Canudos. Quando a guerra terminou, meu pai veio pra cá, a mulher dele morreu de parto ainda lá. Ele era vaqueiro do avô de Zé Pereira em Canudos. Aí veio pra cá e se casou com minha mãe. Em 1947 me casei e em 1950 deixei os terrenos aí e fui-me embora pra Brejo Grande em Sergipe. Aqui tem muita gente que já morreu, tem um primo carnal que era jagunço de Canudos. Abandonaram e vieram embora, ficaram lá sem nada e vieram pra cá. Quando a Guerra terminou, eles foram desertados. **(Seu Fiel)**

Aqui veio muita gente só que já morreram tudinho. Tenho um primo que é Arnaldo que o pai dele era jagunço e assim que a guerra terminou veio pra cá pra essas terras. Não conto os jagunços que vieram fugido pra cá, tudo desertado de Canudos. Aqui tinha o terreno de Nazaré, tinham outras pessoas que era de Pombal mais ficou aqui quando foram desertados de Canudos. E aí quando a guerra terminou veio tio Adozio, veio meu pai que era o dono desses terrenos, tudo deserdado. **(Seu Fiel)**

Figuras 4 e 5: Seu Fiel (esquerda) e Seu Emídio (direita), moradores mais antigos da Comunidade Baixa de Quelé. (PEREIRA)

OS CASAMENTOS E O POVOAMENTO NO VALE

O trabalho de casa de farinha, a agricultura e a formação dos casamentos povoaram essa região das Baixas do Quelé. Cada família que iam se constituindo, se esforçavam para comprar glebas de terras e iam se fixando. Ao que se parece o Quilombo se constitui de três comunidades: Baixa da Lagoa, Quelé e Olho D'Água.

Eu era pequeno, não tinha condição nenhuma uma seca muito grande, mais aí quando chovia na roça as arvores se animavam. Só que com a seca eu dizia pra meu Avô, eu mesmo não volto mais pra essa terra não, só que quando chove as árvores se anima, imagine nós! **(Seu Emidio)**

Aí é seguir o caminho e pronto, agora meu filho só que tem uma coisa que a diferença é quando você sabe que o serviço é pouco e tem que sustentar a família. Aí as coisas pesam. Bom então vai trabalhar e vai conseguir as coisas pra comprar um terreninho pra viver, foi assim que fizemos. Então, a gente já era criado pra trabalhar e adquirir um terreninho pra não ficar desamparado. **(Seu Emídio)**

Eu dizia pra seu Amâncio, mais como é que eu vou comprar essa terra? E ele dizia, não, você paga como puder me pagar, não se preocupe que quando você der fé, você já acabou. Pois, aí ele vendeu essa quantidade de terra aí graças a Deus e quando eu fui, na era de setenta ele casou-se, casou minha família, aonde meu primo mesmo mora, pois bem, esses casamentos de primeiro era como nós sabia os pais era quem fazia o casamento. Pedro Fonte mais Zé Amâncio foi quem fizeram esse casamento deles. **(Seu Emídio)**

Figura 6: Povoado da Baixa de Quelé. (PEREIRA)

Pedro Fonte trabalhava comigo tudo ali na vizinhança e chegando lá com o maquinário de terreno para trabalhar, aí foi Zé Amâncio que falou: seu Pedro, o senhor tem lá uma mocidade e eu tenho um rapaz que ele chegou aqui esgotadinho coitado sem ninguém e ele já ta um rapazinho e ele é muito interesseiro ele é muito inteligente com negócio de roça e vamos ver se da pra fazer um casamento de uma filha sua com ele. Ele disse: é vá lá e já ta combinada alguma coisa, e quando foi no dia lá a minha mãe era nova, mas tinha figura de tamanho, aí ele disse: Entre seu José, o que o senhor acha dessas daí? Qual é a que o senhor se agrada? Aí ele gritou essa aí, que era a minha mãe. Os casamentos eram tudo arranjado, era o que o pai e mãe indicasse. Um casou com 15 e outro com 18 anos, pronto, aí quando ajeita suas coisinhas, que arranja as coisas da casa pra fazer e faz. graças a deus alcancei ela de mim que foi uma boa dona de casa, quando um queria teimar um pouquinho o outro baixava aí que se combinaram, graças a deus começaram a produzir família. A primeira morada nossa foi no Olho D'água, assim como meu pai, eu me criei e cresci e me casei aqui também assim como meu pai. **(Seu Emídio)**

A minha história vai ser muito curta. Eu nasci em Jeremoabo, meu pai trabalhando aqui carregando mantimento pra gente e trazia tudo num aió morrendo de cansado, fazia farinha e carregava lá pra nós, depois deram um lugarzinho pra nós ficar morando. Aí pai falou pra mãe pra nós vim embora pra aqui, porque tinha achado esse local pra nós ficar morando. Nós chegamos aqui em 1932, aí ficamos nesse lugarzinho uns 4 a 5 anos, pois um vizinho nosso lá falou pra pai: "compadre Francisco alí tem um pedaço de terra e o dono vai vender e o senhor não quer comprar não?" Meu pai disse: "compro não porque não posso, se eu pudesse comprar, e tenho muita precisão, porque to morando aqui de agregado e não dá certo o vizinho um dia acorda com a cara boa num outro aparece com a cara ruim e eu tô sem aguentar, tô já pra voltar pra Jeremoabo de novo". **(Manoel Cardoso dos Passos)**

O amigo do meu pai disse o seguinte: eu vou fazer de tudo pra você comprar essa terra. Aí meu pai comprou esse terra afastado daqui 2 quilômetros e meio, aí ele comprou esse terra em 1949 que já começa daqui e vai até lá, aí comprou o Baixão todo, e só depois do Baixão comprado o meu pai disse: eu não vou poder pagar esse terreno todo, eu vou dividir com a vizinhança, dividiu com esse povo dos Quelé, aí dividiu a Baixa no meio assim, pai ficou com o meio e os outros com eles. O nome do meu pai era Francisco Bento, ele já faleceu, pai e mãe. **(Manoel Cardoso dos Passos)**

Figuras 7, 8 e 9: Moradores da Baixa de Quelé. (PEREIRA)

OS NEGROS CATIVOS E O MURO DOS ESCRAVOS

Ah, pois bem, eu alcancei os meus pais contando que lá na lagoa velha, que é a Baixa das Lagoas tinha até nego cativo, a lagoa é muito velha tinha um muro feito pelos negros e coisa e tal, tinha feira feita pelos cativos. Quer dizer que eu falando isso, é como eu já expliquei né, não foi eu que alcancei, mas nossa roça foi feita onde um pé de arvore era a estaca do curral da fazendeira de lá da lagoa! **(Seu Emídio)**

Figura 10: Ruínas do muro construído pelos escravos na Baixa das Lagoas. (CARTOGRAFIA)

Meu nome é Raimundo e eu sou de lá da Baixa da Lagoa, minha mãe conta que todo canto que ela conheceu já conhecia como a lagoa dos negos, né. Eu via o povo perguntava: você é de onde da lagoa? Lagoa dos negros? Se dissesse assim, o povo todo conhecia, agora se tem no mapa eu não sei. Agora que a região conhece, todo mundo, como lagoa dos negos. **(Raimundo)**

Nós negros quando chegava o povo falava: o Lourenço da Lagoa. Querendo colocar isso aí. Agora eu digo pelo que passei e pelo o que vi dizer. Agora se for buscar os mais velhos do que eu, dos que tiverem vivos, aí pode fazer fundamento. Eu mesmo só posso explicar assim: quando chamavam nós, tinha muita discriminação nõ sabe!? Quando dizia que era negro, hoje já é diferente. Aqui na Lagoa era Lagoa dos Negros e tinha até o muro dos cativo num sabe!? **(Seu Emídio)**

Eu não sei dizer se foi primeiro lá, ou foi na Lagoa, ou aqui em Quelé, mas o lugar mais habitado sempre o mais velho foi a Lagoa dos Negros. **(Seu Abelardo)**

Rapaz, é como eu disse, eu mesmo num falo não, eu não falo por que ou não foi do meu alcance ou foi sei que ouvia falar por algumas pessoas mais ou menos antigos é a história do muro. O muro ainda tá lá da mesma forma. **(Seu Emídio)**

A TERRA, A ÁGUA E A PRODUÇÃO

Figura 11: Cajueiro histórico da Comunidade. (PEREIRA)

A idade desse cajueiro é de 82 anos. Em 73 Antônio Quelé fez a casa bem aí e foi feito uma rocinha perto desse cajueiro e eram 12 pés de cajueiro que a gente tinha aí. Esse cajueiro e de 1961 pra cá. Eu saí pra São Paulo essa casa ali estava morta e o cajueiro quando eu cheguei estava pequeno. Quelé era o pai dessa família quase toda, ele era o mais velho Clemente. O finado Clemente era o marido da finada Elias. Quelé foi o primeiro morador daqui. **(Seu André)**

Meu trabalho minha filha é que nem de pessoas fracas mesmo, trabalho para ajudar meu marido, na enxada, foice, machado, estrovenga, de tudo o que botar eu faço. Eu estou plantando lá agora: milho, feijão, somente isso, as fruteirinhas e quando Deus concebe a divina misericórdia com chuva ai tudo fica melhor. Então meu trabalho é esse e a casa. E a terra é minha, é pouca, mas é minha graças a Deus. **(Maria Cardoso dos Santos)**

Moro no que é meu, agora eu trabalho nas terras de Otávio nos terrenos de Otávio, eu trabalho como lavradora no plantio, planto feijão, milho, mandioca, de tudo tem um pouco, agora eu não vou dizer que o local onde eu trabalho é a minha terra. Eu tenho pedaço de terra, um aqui, um ali, um acola. Agora eu tô dizendo que onde eu trabalho a terra não é minha. Moro no que é meu, mas trabalho no terreno de Seu Otávio. **(Maria Cardoso dos Santos)**

Pra plantar mandioca eu planto no pedacinho meu, agora feijão e milho na terra de lá de dentro, é na terra de outra pessoa é numa terra de uma mulher que mora em Jeremoabo. Trabalho na terra de outra pessoa porque a que eu tenho num dá, a terra é pouca e se plantar mandioca e feijão não dá a terra é ruim. E sempre quem é o possante tem mais terras a vontade. **(José)**

Hoje eu tô mais melhorzinha, devido à idade to mais melhorzinha um pouquinho, sabe! Mas sofre muito, saia daqui com uma trouxa de beiju na cabeça, de madrugada e quando não chegava meia noite de pé. **(Raimunda)**

Eu não nasci aqui não, mas agradeço muito de ter me criado aqui e gosto muito daqui, gosto do meu trabalho. Aqui plantamos mandioca, plantamos feijão, plantamos milho e cuidamos dos cajueiros. **(Dona Augustinha de Jesus Santos)**

Aqui, quando nós chegamos a nossa lavra era a mandioca e feijão e milho mesmo. E hoje os cajueiros, porque por mais que a chuva seja pouca a gente mais ou menos colhe e por tanto, posso dizer que tudo tem aqui pra nós, tem a mandioca que por mais que achem que é fraca, mas, é o que dá dinheiro para nosso sustendo. No dia a dia é a mandioca porque o caju é por quadra, o feijão é por quadra e a mandioca se a gente tiver cuidado é direto, e se chover a gente tem com fartura. Porque mesmo que se plante na chuva, quando o sol entra nós conseguimos atravessar as dificuldades. A gente fazia farinha por quadra e agora faz pelo tempo que quiser. E eu sempre digo que a gente tem pra preservar bem a mandioca porque pra nós a nossa vivencia, e as outras coisas se enfraquecer a chuva a gente perde e a mandioca a gente planta numa chuvinha fina e ela nasce e a gente vai ser ajeitando e se cria. **(Augustinha de Jesus Santos)**

Figuras 12 e 13: As plantações de Cajueiros e Maracujá. (PEREIRA)

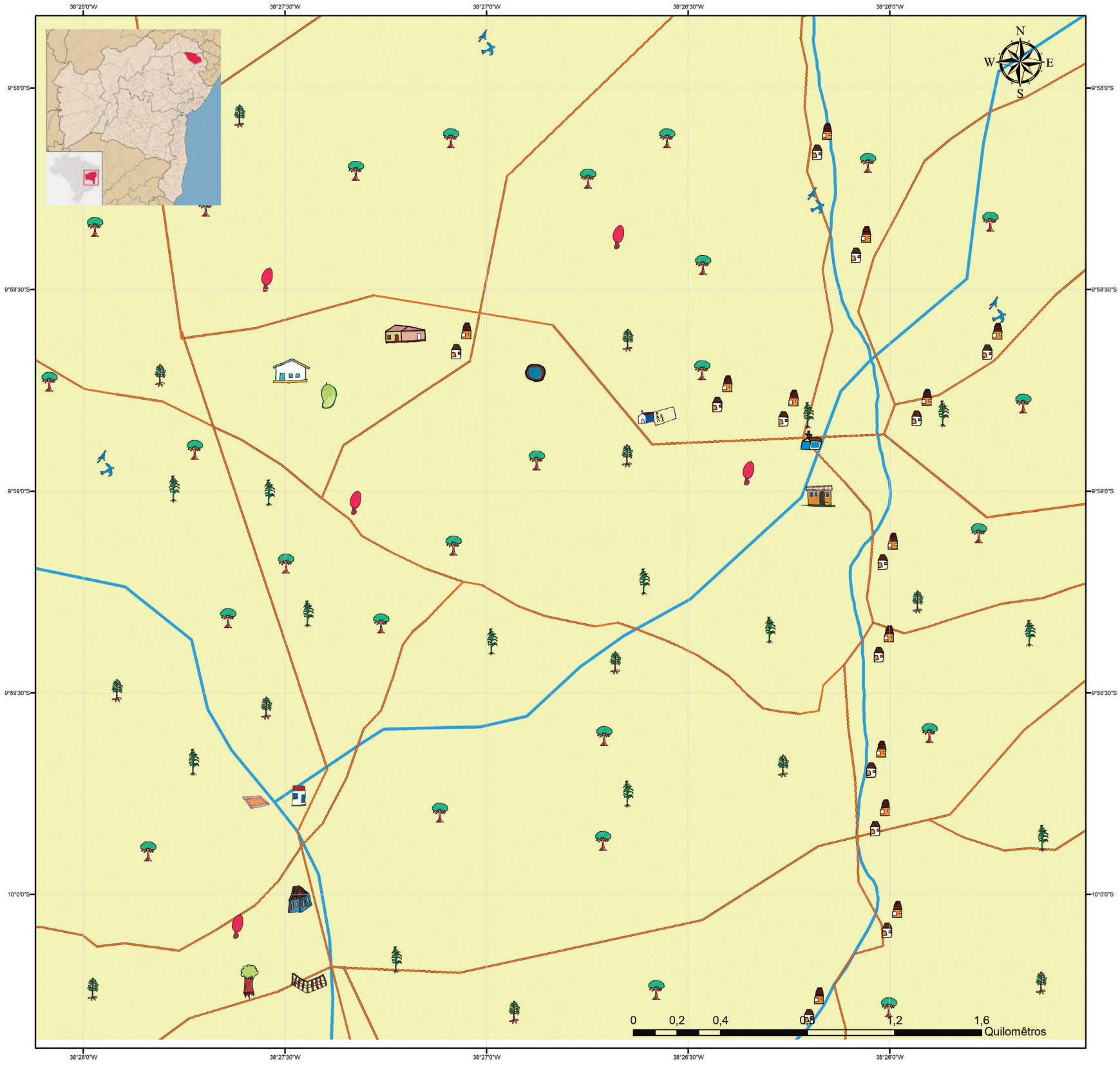
Trabalho aqui de roça, aí planto milho, feijão, mandioca e aí vivo na luta. E esse lugar eu acho bom porque graças a Deus eu trabalho e não passo fome, assim mesmo o feijão da gente plantar a gente colhe pra comer e lutar com a vida até o dia que Deus quiser. A gente vivi aqui hoje, mas de primeiro a gente aqui arrastava, colocava dois sacos de farinha no jegue e ia bombeando nas varedas pra ir pra Jeremoabo pra vender pra sobreviver. Hoje o negócio ta melhor a gente tem um transporte que vai pra Jeremoabo aí ficou melhor, mas de primeira era embaçado. Naquela época a gente não estudava e não tinha professor pra ensinar, e hoje eu to incentivando meus filhos dizendo: estude! A professora de carro vem buscar aqui pra ir estudar em Jeremoabo, traz de volta e bota aqui. E aí eu fico incentivando meus filhos porque naquela época era mais difícil de tudo e hoje não, quase tudo aqui é bem melhor. **(Seu Emídio)**

A gente mora aqui porque a gente gosta do lugar, nasci na Baixa da Lagoa, moro nos Quelé e gosto de todo mundo aqui. Vivo lutando na minha vida com meus filhos, eu tenho 3 filhos. Meu nome é Maria de Fatima Santos eu tenho 47 anos lutando na minha vida sofrendo aí. Eu sofri muito carregando beiju na cabeça pra Jeremoabo, e hoje eu vivo aí, sofrendo pra criar os meus filhos porque a solução sou eu mesmo que tenho a responsabilidade sou eu quem alimenta a vida, trabalho de roça plantando feijão e mandioca. **(Maria de Fátima Santos)**

AS FARINHADAS

Ah, está com muito tempo que a gente faz farinhada, nós começamos na casa de farinha manual e agora estamos na casa de farinha da associação, agora nós estamos trabalhando lá, mas de primeira era no rodão. Servi muita mandioca o pessoal rodando e eu

Cartografia Social da Comunidade de Quelé - Jeremoabo/BA



Legenda

- Casa de Farinha
- Casa de D. Josefa Maria de Jesus
- Casa de Seu Abelardo (início de Olho D´água)
- Centro Cosme e Damião - Mãe Maurina
- Muro dos Escravos
- Poço Artesiano
- Sede da Baixa de Quelé
- Terreiro de Xangó de Seu Abílio
- Igreja
- Cemitério
- Toca de Lampião
- Plantações
- Arara-Azul-de-Lear
- Divisa de Olho Dágua e Quelé
- Mata de Cajueiros
- Casas
- Vegetação
- Vegetação

Convenções

- Jeremoabo
- Riachos
- Estradas

Nova Cartografia Social do Brasil
Série: Projeto Quilombos

Núcleo do Rio São Francisco
da Nova Cartografia Social do Brasil

Equipe de Elaboração:

Álvaro Ribas
Ana Paula Arruda
André Souza
Alzení de Freitas Tomaz
Lucas Martins
Juracy Marques
Eder Marinho

Mapa e cartografia:

Álvaro Eduardo Mascarenhas Ribas
André Luis Oliveira Pereira de Souza

Fonte:

IBGE 2010 - Mapa Municipal Estatístico
Croquis da Comunidade Quilombola de Quelé

Sistema de Coordenadas Geográficas: SIRGAS, 2000.

serrando. Espremi muita mandioca pra fazer a tapioca pra fazer o beijuzinho, tirava a goma pra fazer o beiju pra vender na feira pra viver a vida. Aqui é um lugar bom da gente morar porque a gente nasceu e se criou. Aqui o pessoal mais velho a gente respeita muito na comunidade. Não tem do que dizer do pessoal, o importante pra gente é o respeito aqui todo mundo considera todo mundo. Eu tenho pra mim que a minha vida seja isso, a gente considerar as pessoas que é pra Deus... Se é bom pra Deus é pro mundo né! Considerar as pessoas. **(Maria de Fátima Santos)**

A FALTA DE TERRA E A FORMAÇÃO DO LATIFÚNDIO

Figuras 14 e 15: As terras de Ariá, poucos estão no domínio da Comunidade. (PEREIRA)

Nasci na Baixa Grande aí vim pra cá já ta com muito anos que eu to morando aqui. E o meu trabalho é plantar feijão, trabalhar plantando cajueiro, pegar vender na feira e pronto, quando a gente tira um pouquinho além da quantidade à gente vende pra fazer a feira e só não trabalho mais porque não tem terra pra trabalhar, a terra é pouca da gente, é tudo terreno dos outros. O terreno que eu trabalho é pouco, é dois hectares só, e dividido pra dois. Eu trabalho num terreno de uma mulher de lá de Jeremoabo, a gente arrenda que é pra plantar, é arrendado pra plantar. Aí a gente pega o feijão e paga a renda que renda é de 20% da renda que a gente paga a ela. Tem gente que tem terra, mas morador aqui também arrenda. **(Renato Franco dos Passos)**

A pessoa que diz ser dono dessas terras, nem trabalha na terra e nem dá pra ninguém. Ele diz que a terra é só pra preservar a natureza, ele muitas vezes faz assim compra esse monte de terreno, mas a gente vê que a preocupação dele é mais em ter a terra, ele não é um fazendeiro assim que comprar carro e vai tocar a pastagem, não, ele é a favor da preservação da natureza,

essa região que ele tem quase todas elas são de mata. Tem gente aqui que pra trabalhar tem que trabalhar nos terrenos dos outros, a nível de arrendamento as vezes plantam feijão, mas dá em torno de 20% pra uma pessoa que trabalha com arrendamento. **(Renato Franco dos Passos)**

Quando eu me entendi de gente, meu pai já era velho, ele se casou duas vezes. A primeira família quando eu me entendi já era pai de Neto os meus irmãos mais velhos, e eu vive pra trabalhar, meu pai não botou ninguém pra trabalhar, mas eu no meu entendimento já fui quando tava com 10, 12, 16 anos já trabalhava e fui ganhando dinheiro pra nos sustentar. Eu nasci no dia 24 de abril de 1918, de quando eu peguei entendimento de gente e fui trabalhar e ganhando dinheiro por aqui até 1942, eu tinha 24 anos e minha vida era ganhando dinheiro e quando eu vi que não tinha mais futuro aí botei uma roça. A primeira roça que eu tive era de três tarefas. Meu pai já era velho, eu era quem já tava dominando, ele morreu no meu poder graças a Deus eu pude cuidar dele. **(Manoel Eugênio)**

Aí tomei conta dos terrenos, pai nunca me explicou se tinha escritura ou se não tinha, mas eu fiquei trabalhando. Eu to dizendo que essa escritura ta lá no topo porque na Guerra dos Canudos, dá mais de 100 anos, foi terminada, foi 4 anos de guerra e foi terminada em 1896 que a Guerra de Canudos terminou. Aí meu pai ficou viúvo na Guerra do Canudo pela primeira vez. **(Manoel Eugênio)**

Aí foi quando em 1976 um proprietário começou a comprar terreno aqui, e a primeira vez que ele chegou aqui foi em 1976, aí começou comprando esse terreno aí, depois ele comprou um terreno na cabeceira e chamou pai pra se dividir, aí dividimos com os trabalhadores. Quando foi depois de seis messes ele chegou com um empregado e disse: e esse arame aqui de quem é? Isso é de Chico de Bento, ele disse: de lá não aqui não é de Chico de Bento não e começou a briga. Começamos essa briga já faz uns 20 anos e acho que todas perdemos, perdemos acho que foi quase que metade do terreno. **(Manoel Cardoso dos Passos)**

Aí quando foi uns dois anos chegou um cabra aí no carro dizendo que era o INCRA, pedindo os documentos pra ele ler eu disse que meus documentos eu não dava nem pro pessoal daqui de casa, meus documentos eu só mostro no fórum, aí o rapaz disse: e aí como é que nós faz, eu disse: diga a ele que quarta-feira vá lá pro fórum que a gente faz. Aí ele foi topamos com o INCRA lá, só que o INCRA ia concordar com o que ele ia fazer, tomar o terreno todo, tava 500 tarefas no documento ele só queria deixar nós com uma base de 20 tarefa, três casas de morada, ele queria era tudo. **(Manoel Cardoso dos Passos)**

E ficou como ele queria e nós ficamos assim sem aceitar. Aí eu mais meus irmãos choramos e ele brabo virado no cão e já querendo chamar a gente pra brigar. Aí depois tinha uma prima que trabalha lá no fórum que pediu muita paz, aí voltamos, é não tem jeito. Depois de uns 15 dias ele chegou pedindo um acordo, pra gente dividir por cima do morro e ele mandou dizer que se o senhor concordar por dentro da Baixa assim ou dando o Baixão todo, aí eu evitar encrenca eu concordei. **(Manoel Cardoso dos Passos)**

O dono dessas terras me perguntou quantas tarefas tem aqui no INCRA, eu disse: olha aqui no INCRA tem 500 tarefas, o rapaz do INCRA disse: não dá não, e eu disse: dá. Aí eles mediram tudo com uns aparelhos. Depois com uns 5 dias ele chegou dizendo: seu Manoel o senhor ainda ficou com 330 tarefas, eu num digo ao senhor que tinha umas 500 ou mais, e ainda assim ficamos perdemos esse terreno, era uma herança, quer dizer, perdemos esse terreno pra esse homem, ele diz que é pra preservar a natureza, mais é nós o povo como é que ficava né? Se era a sobrevivência!
(Manoel Cardoso dos Passos)

E ainda estamos com medo porque ele vive avançando, eu acho que ele vai avançar ainda. Foi uma briga, o meu pai que já tava velhinho acabou de ficar mais fraco, primeiro começou com um terreno de um amigo aqui nosso e ele começou a derrubar o arame do amigo e o amigo tinha uma filha de gravidez, deu logo foi passamento, eles mesmos foi quem ajudou a dar remédio. Começou a derrubar do amigo e derrubou foi 60 tarefas de arames, e começou daí. Foi derrubar o nosso lá 56 tarefas de arame e tudo ele derrubou dentro de meio dia, e os arames nós apanhamos todinho. Ele não tem documento nenhum ele tem esses terrenos aí todinho e não tem é documento nenhum não, isso eu sei que ele não tem, aí comprava uma tarefa aqui e pegava uma tarefa ali na frente e ainda hoje tá assim, por isso que ele tem esse monte de terra e o povo da comunidade ficando sem, tendo que arrendar terra pra trabalhar. **(Manoel Cardoso dos Passos)**

O muro dos cativos alí, era tudo de meu pai. As fazendas só tinham assim um quadrinho assim alí, onde Armando comprou. Era pouquinho, era tudo de meu pai esse terreno. Já tinha terminado a guerra de Canudos, o Conselheiro já tinha morrido, aí ficaram sozinhos lá abandonado e vieram simbora, saíram sem destino, mas meu pai não porque esse terreno já era dele. **(Manuel Eugênio)**

E agora quando fui pro Brejo Grande, e lá já teve muita coisa, já teve criação e eu nem me lembrava que já tinha me casado e tinha os terrenos de minha mulher que era no Olho d'Água, aí deixei de trabalhar aqui e fui trabalhar na Lagoa, Olho d'Água, fui trabalhar nos terrenos da mulher. E quando tô lá trabalhando recebo o recado de Otávio que já tinha comprado esse todo aí o órgão tinha vendido o terreno para ele e foi assim que ele adquiriu o que tinha, tirando do povo. **(Manuel Eugênio)**

E vai um amigo meu que era vaqueiro o finado Zizu aí na Lagoa aí, mas tem um rapaz de terreno o seu Eugênio no terreno que você comprou de Otávio! Aí seu Otávio disse: e quem é esse seu Eugênio? Aí me apresentou, eu né, que Otávio mandou me chamar. Aí contei o causo, e ele disse: e você tem escritura? Eu disse: num tenho, que meu pai nunca tinha me dado escritura, eu não tenho escritura, ele disse: então esse terreno é meu. Eu disse: bom, você tem a escritura eu vou fazer o que? Ele disse: mas como me apresentaram ao senhor eu vou lhe dar 100 mil réis naquela época. Olha, nós ainda tínhamos os dez irmãos vivos, eu disse não o que eu quero com 100 mil réis? Se eu der 10 mil réis a cada um, o que vamos fazer com 10 mil réis? Ele disse é, mas eu sei que tem o senhor, o terreno é seu que tem o nome aqui do senhor, eu disse: é, mais eu sou fiel e eu só quero o que é meu. Se eu fico com esses 100 mil réis e num dó aos outros e quando é depois eles ficam pensando que tem terreno e eu faço o que?! A história é essa, e ele disse: É, eu vou dar 1 conto de réis, o senhor aceita? Eu digo: é já ta perdido que eu não tenho documento. Já foi em 1966 nessa época 100 mil réis já era um dinheirão né! Aí eu fui debater com os meus irmãos, uns moravam no sertão, outros moravam em Cícero Dantas, outros moravam em Jeremoabo, os outros dois moravam pertinho de mim, e eu fui debater com ele pra dividir esse dinheiro. E eu digo que esse terreno tem escritura porque eu sei que foi repartido pra dois irmãos e meu pai. O primeiro o meu pai se chamava seu Eugênio de Pereira da Conceição. Aí era só dois irmãos, meu avô e uma mulher por nome de Jacinta e foi repartido em dois terrenos pra meu pai, pra meu avô e pra Jacinta, aí foi Jacinta, acho que esses papeis se perderam. Aí a finada Jacinta ficou com os papeis e meu pai ficou com a parte que se chamava Ariá nesse tempo e hoje é a Lagoa. Comprou esse terreno por Ariá, mas hoje tudo é Lagoa. **(Manuel Eugenio)**

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO SÃO FRANCISCO | Comunidade Quilombola de Baixa de Quelé, Jeremoabo/BA

OS TERREIROS DE SANTO, O XANGÔ, AS BENZEIRAS E AS PLANTAS MEDICINAIS

Figura 16: Santos de devoção da Comunidade. (PEREIRA)

Aqui tem muitas plantas de medicina que é bom pra congestão, dor de barriga, dor de dente, dor de cabeça, pra tudo tem. A braúna também é boa pra pessoa que dá o derrame é só colocar a pessoa deitada nas folhas. E é bom também o chá do cedro e é bom como anticaspa também a braúna. **(Seu Abelardo)**

Eu rezava mesmo, eu deixei por causa que fiquei doente. Porque eu pegava a doença do outro pra mim! Eu fazia o remédio, mas eu ficava doente né! Eu sabia rezar em quebrante de olhado. Já, que eu tenho uma filha em Água Branca aí quando eu cheguei de lá, quando eu cheguei no caminho o carro parou e quando parou eu vi um homem que tava ficando com derrame. Eu fiquei com aquilo, rezei, mas, aí quando foi de noite contei o que se passou, quando me acordei bem cedo me levantei doente, eu estava com a boca torta. Aí meu menino disse que eu tava doente, eu disse: eu não to doente nada. Pois é, a doença pega, aí eu num faço mais não. Eu aprendi a rezar com minha madrinha, minha madrinha não era daqui do sertão, o nome dela era Maria das Neves, ela era rezadeira. E meu filho também sabe rezar, se benzava de arruda. **(Dona Raimunda)**

Rapaz, aquela Augusta diz que benze, e a filha dela morena ela trabalha com casa de santo, né!? Eles não querem que diga não, mas se fosse eu eles diziam. Eles trabalham com casa de santo, agora o marido dela vive doente e ela não fez mais trabalho não. **(Dona Raimunda)**

Eu sou Abílio Pedro dos Santos, tá com pouco tempo uns 20 anos mais ou menos que eu tenho esse terreiro. É porque a minha mãe de santo vem de lá da Bahia. O nome dela á Antônia, lá do João Paulo Segundo. Aqui é Xangô, vem do Candomblé. O nosso é Xangô, Xangô porque tem zabumba, e de tambor é que é Candomblé. Agora aqui é Xangô. Aí é como eu disse, aqui é devagar porque o povo não assiste essas coisas não. Só a minha família mesmo aqui faz parte, o povo aqui não adota bem não, o pessoal da comunidade, sabe!? Tem um terreirinho dos antepassados, ele não ti mostrou lá não? Aqui tenho, Santa Bárbara, Iemanjá. **(Abílio Pedro dos Santos)**

Figura 17: Altar de Santo - Casa de Xangô. (PEREIRA)

Eu tenho esse terreirinho aí, mas nunca inaugurei. Sabe qual é o causo? É que tocador aqui dá trabalho, pra vim pra aqui só de carro fretado, um tocador é 100 reais, mas eu to querendo inaugurar o terreiro. Ah, pra vim pra rezar sempre aparece gente, pra fazer trabalho. Oi tá com dois anos que eu tirei minha carteira de pai de santo. E quando eu vim com essa carteira pra cá mais nunca eu vi nenhum conflito. E eu só tenho essa carteira só porque, a senhora sabe tem aquele problema lá em cima e a polícia já chegou e pode mandar parar. Aí o causo é o seguinte, aquela casa da gente é assim: as vezes você vê um batucando, aí chega a polícia e diz, e que negócio é esse aí? Né! Podia querer acabar com tudo e pegar minha carteira, né!? Aí eu num divulgo não. Na época que eu mandei fazer essa carteira, a polícia proibia e quem não tivesse carteira ia pro pau. É certo que eu pago 100 reais por ano a associação. **(Abílio Pedro dos Santos)**

Aqui tem Dona Raimunda que é parteira e a mãe de Dona Augustinha também, só que ela já faleceu. E a Dona Raimunda, aqui já pegou um terço dos meninos daqui de Lagoa, Quelé e Olho D'água ela quem pegou os meninos que nasce, foi ela que presenciou o parto de tudinho. Se ela é de Santo, mas ela não se identifica com as pessoas não. Ela tem um certo receio de ta falando. A mãe de Dona Augustinha é que frequentava Xangô também. **(Abílio Pedro dos Santos)**

Figuras 18, 19, 20 e 21: A tradição dos Orixás, o toque de Xangô. (PEREIRA)

Figura 22: Comunidade Quilombola da Baixa de Quelé. (CARTOGRAFIA)

CONTATOS

COMUNIDADE QUILOMBOLA BAIXA DE QUELÉ – JEREMOABO/BA

NÚCLEO DE PESQUISA DA NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO BRASIL NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO
alzenitomaz@gmail.com | juracymarquespshy@gmail.com

SABEH – SOCIEDADE BRASIELIRA DE ECOLOGIA HUMANA
E-mail: editora.sabeh@gmail.com | www.sabeh.org.br

Realização
COMUNIDADE QUILOMBOLA BAIXA DE QUELÉ – JEREMOABO/BA

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL - PROJETO QUILOMBOS | Série: Comunidades Quilombolas

1 COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASINHAS - JEREMOABO/BA

2 COMUNIDADE QUILOMBOLA BAIXA DE QUELÉ - JEREMOABO/BA

Realização

COMUNIDADE QUILOMBOLA BAIXA DE QUELÉ - JEREMOABO /BA

Apoio

SABEH Sociedade Brasileira de Ecologia Humana

FORDFOUNDATION

CNPq

Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana - GPEHu

PPGEcoH Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental

UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

UEA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

PNCSA